



THE UNIVERSITY *of* EDINBURGH

Edinburgh Research Explorer

Imigrantes e espaços públicos exteriores em Portugal

Citation for published version:

Silveirinha de Oliveira, E 2009, 'Imigrantes e espaços públicos exteriores em Portugal', *Revista Migrações*, vol. 4, pp. 109-133. <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_4/Migr4_Art5.pdf>

Link:

[Link to publication record in Edinburgh Research Explorer](#)

Document Version:

Publisher's PDF, also known as Version of record

Published In:

Revista Migrações

Publisher Rights Statement:

© Silveirinha de Oliveira, E. (2009). Imigrantes e espaços públicos exteriores em Portugal. *Revista Migrações*, 4, 109-133.

General rights

Copyright for the publications made accessible via the Edinburgh Research Explorer is retained by the author(s) and / or other copyright owners and it is a condition of accessing these publications that users recognise and abide by the legal requirements associated with these rights.

Take down policy

The University of Edinburgh has made every reasonable effort to ensure that Edinburgh Research Explorer content complies with UK legislation. If you believe that the public display of this file breaches copyright please contact openaccess@ed.ac.uk providing details, and we will remove access to the work immediately and investigate your claim.



Imigrantes e espaços públicos exteriores em Portugal ***Immigrants and public open spaces in Portugal***

Eva Silveirinha de Oliveira*

Resumo A composição multi-étnica das sociedades e a correspondente mutação na paisagem cultural das cidades leva à necessidade de reconhecimento de uma nova amplitude de necessidades, preferências e padrões de utilização dos espaços públicos exteriores por parte de diferentes comunidades com diferentes experiências culturais. Para a arquitectura paisagista, como para outras disciplinas de planeamento e desenho urbano, torna-se cada vez mais pertinente entender as necessidades destas novas sociedades multiculturais, de modo a que esta compreensão possa contribuir cientificamente para a constituição de políticas de inclusão social e cultural. Neste sentido, o presente artigo explora a utilização dos espaços exteriores pelas comunidades imigrantes brasileira, cabo-verdiana e ucraniana na área da Grande Lisboa. Através de entrevistas focalizadas de grupo recolheu-se informações qualitativas sobre a presente vivência dos espaços em Portugal: preferências, actividades, percepções; focando também valores, memórias e vivências no país de origem. Foram encontradas diferenças, mas também algumas similaridades quanto às preferências e padrões de uso e actividades.

Palavras-chave imigrantes; espaços exteriores, actividades, preferências, arquitectura paisagista

Abstract The multi-ethnic composition of societies and the corresponding mutation of the cultural landscapes of cities give rise to the need to recognise a new range of requirements, preferences and patterns of use of public open spaces by different communities with different cultural experiences. For landscape architecture, as for other disciplines of urban planning and design, it is increasingly necessary to understand the needs of these new multicultural societies, in order to contribute scientifically to the construction of social and cultural inclusion policies. In this sense, the present article explores the use of open spaces

* Edinburgh College of Art (eva.m.oliveira@eca.ac.uk)

by Brazilian, Cape Verdean and Ukrainian immigrant communities in the Greater Lisbon Area. On the basis of focus group interviews, qualitative information was gathered regarding the actual use of spaces in Portugal: preferences, activities, perceptions; focusing also on values, memories and experiences in the country of origin. Some differences were found, but also some similarities regarding preferences and patterns of use and activities. Immigrant origin are or are not dependent on the extra-familial social structures that they are part of, in this way justifying a categorical discrimination, by opposition, of the entrepreneurial initiatives and strategies of the non-ethnic population. At the same time, this question represents a point of departure for discussing the way in which, in these types of studies, immigration and ethnicity seem to be arbitrarily linked in a cause-and-effect logic.

Keywords immigrants, open spaces, activities, preferences, landscape architecture



Imigrantes e espaços públicos exteriores em Portugal

Eva Silveirinha de Oliveira

Introdução

Os espaços públicos exteriores - ruas, parques, jardins, praças, praia, etc. - são locais de encontro e de paragem, nos quais se desenvolvem sentimentos e relações intra- e inter-culturais, relativamente ao espaço envolvente.

Quando um imigrante chega a um novo país e inicia um período de ajuste que passa, nomeadamente, por vencer as barreiras políticas, tem também de ultrapassar muitas outras barreiras que constituem o seu quotidiano. Para os imigrantes, com efeito, a utilização dos novos espaços que passam a fazer parte do seu quotidiano pode causar sentimentos de exclusão e intimidação se neles não existirem elementos que lhes garantam alguma ligação ao seu fundo cultural. É neste sentido que se torna pertinente para a arquitectura paisagista investigar o modo como as minorias étnicas se relacionam com os espaços exteriores, de modo a que estas se sintam integradas nos espaços projectados por esta disciplina.

Assim, o presente estudo pretende contribuir para o amplo debate sobre as questões da imigração, tentando apreender as relações entre as minorias étnicas e os espaços públicos no país de acolhimento, pelo ponto de vista da arquitectura paisagista, tendo como base o estudo de três das principais comunidades imigrantes - brasileira, ucraniana e cabo-verdiana - que actualmente vivem em Portugal. Em termos históricos, Portugal, um país com uma forte tradição de emigração, passou nas últimas décadas a ser palco de um fenómeno inverso - imigração. As comunidades seleccionadas para este estudo, para além de representarem diferentes culturas, origens geográficas distintas, representam, também, diferentes períodos de imigração e, consequentemente, diferentes períodos de estadia: a comunidade cabo-verdiana que se começou a estabelecer nos anos de 1960 e 1970; a comunidade brasileira iniciou os seus fluxos migratórios para Portugal nos anos de 1990; e mais recentemente, a comunidade ucraniana a partir do final dos anos 1990 (Malheiros, 2002b).

Estado da Arte

A integração das minorias nas sociedades de acolhimento é um processo complexo. A nível político, os estados-membros da União-Europeia têm, desde o tratado de Maastricht, convergido gradualmente para uma política de imigração e

inclusão comum (Koivukangas, 2003). No entanto, a integração é muito mais do que um processo político, estendendo-se além do combate à imigração ilegal e das questões sócio-económicas, envolvendo, por isso, um grande leque de disciplinas que para ela podem contribuir.

Uma dessas disciplinas é a arquitectura paisagista para a qual as sociedades multiculturais colocam diversas questões que carecem de ser discutidas, nomeadamente a nível de planeamento e na concepção de espaços. Tendo começado por se preocupar com o Jardim e o Parque, a arquitectura paisagista abrange hoje, também, as questões ecológicas, culturais e sociais do território e a criação das condições e circunstâncias biológicas e sociais necessárias a uma adequada utilização da paisagem urbana e rural.

Do ponto de vista desta disciplina, o processo de integração dos imigrantes poderá ser estudado pela utilização dos espaços públicos através do conceito de desenho inclusivo. Tal como defendido por Ward Thompson (2002), nas sociedades democráticas é importante entender as múltiplas necessidades a diferentes níveis, de modo a que os espaços públicos, como, por exemplo os parques e jardins, possam ser vistos como locais "[...]onde diferentes culturas podem encontrar uma expressão individual." (Ward Thompson, 2002: 60)

Na verdade, os espaços públicos são muitas vezes palco para encontros sociais, momentos de relaxamento, entretenimento, etc., fazendo parte do quotidiano de todos (Carr *et al.*, 1992). Desenhar "espaços públicos de sucesso" implica que estes garantam que são abertos/de livre acesso a todos os membros da sociedade (Francis, 2003: 1) e, nesse sentido, é crucial entender as expectativas e desejos dos seus utilizadores, em particular de diversas minorias. Para tal, o desenho deve basear-se no entendimento das relações entre os espaços e as pessoas, bem como num entendimento claro das implicações sociais e políticas que advêm dessas mesmas relações.

No Reino Unido e nos Estados Unidos da América, a relação entre as minorias étnicas e o desenho dos espaços exteriores têm merecido alguma atenção. Contudo, existem ainda poucos estudos no que toca ao modo como os arquitectos paisagistas devem responder às necessidades das minorias étnicas (Rishbeth, 2001). Do corpo científico que tem investigado estas questões, podem-se destacar os trabalhos de Rishbeth (2004a, 2004b) que abordou o desenho dos espaços públicos para as minorias étnicas no Reino Unido e a utilização dos parques pelas mulheres imigrantes asiáticas. A mesma autora dedicou-se, mais recentemente, a um projecto de investigação sobre minorias e a utilização dos espaços exteriores, com recurso a imagens e a gravação áudio dos percursos efectuados pelos participantes (Finney e Rishbeth, 2006). Ainda na Grã-Breanha, Morris (2003) debruçou-se sobre exclusão social das comunidades negras no acesso aos espaços públicos, focando-se nas barreiras de participação

desta comunidade no processo de concepção dos espaços. Loukaitou-Sieders (1995) levou a cabo um estudo em quatro parques de Los Angeles, comparando a utilização dos mesmos por comunidades hispânicas, afro-americanas, brancas e asiáticas (chinesas), encontrando diferentes padrões de utilização. Ainda nos Estados Unidos, Lanfer e Taylor (2004) debruçaram-se sobre o uso do espaço público de Boston pelas comunidades imigrantes. Mais recentemente, Low *et al.* (2005) abordaram a necessidade de repensar os parques tendo em conta as minorias americanas. Seeland e Ballesteros (2004) debruçaram-se sobre o estudo dos espaços verdes por diversos grupos sociais em várias cidades suíças, demonstrando o potencial destes espaços para a integração social. Domek *et al.* (2006) analisaram as percepções e usos de florestas em zonas urbano-indústrias na Alemanha pela comunidade turca, encontrando diferenças significativas a nível da primeira e segunda geração, bem como em termos de género e a influência das crenças religiosas na utilização dos espaços.

Em Portugal, a questão da imigração apenas se tornou parte das agendas políticas e tema de estudo académico nos anos 80, tendo o interesse por este tema vindo a aumentar devido ao crescente número de imigrantes (Marques e Góis, 2007). Diversas áreas de conhecimento como as ciências sociais, economia, geografia têm-se debruçado sobre este tema, tentando analisar de forma profunda os impactos da imigração. Na área da geografia e planeamento, existem investigações científicas detalhadas, destacando-se os trabalhos de Fonseca *et al.* (2005) relativos a uma descrição pormenorizada da questão migratória em Portugal, e ainda a importância da integração dos imigrantes, tendo como caso de estudo os imigrantes da Área Metropolitana de Lisboa (Fonseca, 2003). Por outro lado, têm sido produzidos os estudos que se centram sobretudo na segregação espacial das diferentes comunidades (Malheiros, 2002a; Malheiros e Vala, 2004).

No entanto, o entendimento da utilização dos espaços públicos exteriores pelas comunidades imigrantes continua a ser uma temática pouco estudada, sobretudo no contexto português.

Enquadramento teórico

Atribuir significado aos espaços, para que estes se tornem lugares, através de acções e interacções entre sujeitos e o meio físico envolvente, é um dos principais objectivos da arquitectura paisagista. Para projectar e planear espaços exteriores, é essencial entender o modo como os utilizadores se relacionam com os espaços e qual o papel que estes desempenham no dia-a-dia dos seus utilizadores (Carr *et al.*, 1992). A “Teoria do Lugar” desenvolvida por David Canter (1977) considera que a concepção de um lugar é construída de modo individual, estando dependente da interacção de três factores: os atributos físicos do espaço, as actividades nele desenvolvidas pelos sujeitos e as percepções individuais. Estes três

elementos constituem assim uma ferramenta teórica para entender esta relação do sujeito com o meio ambiente envolvente. A relação entre os imigrantes e os espaços públicos pode, então, ser vista à luz desta teoria, implicando analisar factores como as actividades que os diferentes grupos desenvolvem nos espaços públicos, os atributos físicos preferidos e as percepções e concepções que cada grupo e indivíduo tem relativamente aos espaços.

Tal como defendido por Gehl (1987: 33), o desenho dos espaços “[...] pode influenciar o padrão de actividade, de modo a criar melhores ou piores condições para os acontecimentos ao ar livre, e para criar cidade com ou sem vida”. Deste modo é importante reconhecer quais as actividades desenvolvidas nos diversos espaços pelas comunidades imigrantes. Por outro lado, existe todo um corpo de investigação no que toca aos padrões de recriação e lazer de algumas minorias étnicas e imigrantes, nomeadamente em parques, que evidencia os padrões, as diferenças e similaridades nas actividades de lazer ao ar livre (Aizlewood *et al.*, 2005; Barnett, 2006; Sasidharan *et al.*, 2005; Stodolska *et al.*, 2007; Walker *et al.*, 2001).

As percepções dos sujeitos estão relacionadas com os valores individuais e colectivos. Assim, Altman e Chemers (1984) sugeriram que os conceitos de “pessoas”, “cultura” e “ambiente físico” operam de forma integrada e, como tal, não deverão ser vistos como conceitos isolados, reforçando a ideia de que os antecedentes culturais poderão influenciar a vivência e percepção dos espaços. No estudo de minorias étnicas e imigrantes torna-se, assim, pertinente entender o modo como as normas culturais influenciam a percepção dos espaços uma vez que, tal como referido por Low *et al.* (2005), os valores culturais fornecem pistas para o modo como “as pessoas pensam e sentem a paisagem” (Low *et al.*, 2005: 15). As experiências passadas, nomeadamente as memórias e costumes do país de origem, influenciam de algum modo a experiência dos espaços no país de acolhimento, trazendo muitas vezes nostalgia e memórias de outros lugares (Low *et al.*, 2005; Rishbeth, 2004). Ward Thompson *et al.* (2008) demonstraram a importância das memórias de infância no uso de espaços exteriores, arguindo que aqueles que não utilizaram frequentemente espaços exteriores enquanto crianças, apresentam uma maior propensão para manifestar baixos níveis de frequência de utilização de espaços exteriores enquanto adultos.

Por fim, refira-se ainda que alguns autores se têm debruçado sobre as preferências de alguns atributos físicos dos espaços e das paisagens, demonstrando a sua variação, ou concordância, de acordo com diferentes grupos (Kaplan e Kaplan, 1989; Newell, 1997; Zube e Pitt, 1981).

É com base nestes trabalhos que esta investigação prossegue: analisando três diferentes comunidades de imigrantes residentes na grande Lisboa. Pretende-se entender melhor o modo como estas comunidades utilizam, interagem e sentem

os espaços públicos exteriores no país de acolhimento, bem como também a importância das memórias relativas ao país de origem. As perguntas de investigação podem enunciar-se como as seguintes: quais os padrões de actividades em espaços exteriores no país de origem? De que modo esses padrões foram alterados através do processo migratório e quais os padrões emergentes na utilização dos espaços públicos exteriores no país e acolhimento? Quais os elementos físicos preferidos nos espaços? Quais as percepções e sentimentos desenvolvidos nos novos espaços?

Metodologia¹

Para obter estas repostas a investigação recorreu a entrevistas focalizada de grupo.² As vantagens da utilização deste método para grupos específicos, nomeadamente minorias, são amplamente reconhecidas (Chiu e Knight, 1999 citado em Munday, 2006), uma vez que constituem uma ferramenta fundamental para obter informações qualitativas sobre os grupos, juntando opiniões e valores de diversos participantes face aos tópicos apresentados.

Na totalidade foram conduzidas nove entrevistas focalizadas de grupo (três com cada nacionalidade), tendo sido entrevistado um total de 59 participantes: 20 brasileiros, 20 cabo-verdianos, 19 ucranianos. Em termos de sexo, mais de metade dos participantes eram do sexo feminino (15 brasileiras, 13 ucranianas, 12 cabo-verdianas). A faixa etária variou entre os 18 e os 70 anos de idade, sendo 36 a média de idades. A maioria dos participantes brasileiros encontrava-se a viver em Portugal há menos de 5 anos; mais de metade do grupo ucraniano vivia há mais de 5 anos; o grupo cabo-verdiano apresentou-se mais heterogéneo, sendo predominantes dois tipos de grupos: aqueles que viviam há mais de 30 anos e aqueles que estavam em Portugal num intervalo entre 5 e 10 anos. Em termos profissionais os participantes eram bastante diversos, incluído estudantes, reformados, desempregados, auxiliares de limpeza, trabalhadores da construção, técnicos, professores, engenheiros, entre outros.

As entrevistas conduzidas durante as sessões seguiram o formato de uma entrevista semi-estruturada, onde o guião se centrou em quatro eixos de análise: memórias; actividade/padrões de recriação e lazer nos novos espaços públicos; preferências; percepções. Os participantes foram seleccionados por diversas associações de imigrantes que colaboraram na investigação.

O conteúdo das entrevistas foi, posteriormente, transcrito e analisado, recorrendo-se ao software Nvivo 7.0, que permitiu a codificação, categorização e identificação de diversos tópicos.

Resultados e discussão

Memórias, nostalgia e vivências no país de origem

Para a maioria dos participantes das três nacionalidades, grande parte da sua infância foi passada em espaços exteriores, sendo a “rua” o lugar de excelência, seguindo-se espaços como “quintais”, “pátios da escola”, “jardins” e “praças”, para os residentes em áreas urbanas. As actividades ao ar livre passavam por diversos jogos, corridas e jogos de futebol, no caso dos respondentes de sexo masculino.

O contacto com a natureza constitui uma outra memória de infância com bastante significado, relembrando o contacto com os animais, as árvores de fruto, as flores e o sentimento de liberdade. Os participantes brasileiros referiram o “mato”, o “sítio”, a “cachoeira”, os “rios” como os espaços exteriores livres para as brincadeiras de criança. Dentro do grupo ucraniano, alguns dos participantes, que viveram nos subúrbios ou em aldeias, referiram a mesma tendência para um contacto intenso com a natureza, através de actividades nos “rios” (e margens ribeirinhas), nas “florestas” e “campos”. Por seu lado, o grupo cabo-verdiano, para além da rua, referiu a “praia” como um dos locais preferidos, presentes nas suas memórias de infância. Isto mesmo se pode observar nas seguintes afirmações:

“Eu brincava no meio do mato porque eu morava no meio do mato. Não... eu brincava no quintal de casa, mas... assim... a brincadeira mais divertida era subir em árvore, quando era criança.” (Mulher Brasileira)

“Eu vivi em várias ilhas, mas talvez mais tempo na Ilha do Fogo. Brincávamos muito na rua, muito na rua e nas ribeiras, porque a ilha era rural, e na praia ao pé do mar” (Homem Cabo-verdiano)

“Na frente do meu prédio, como isto era subúrbios... depois começava os campos, começavam os florestas... ribeirinha, no mato... eu cresci assim, no ar livre!” (Mulher Ucraniana)

Esta descrição de um contacto com a natureza e de uma vida ao ar livre enquanto crianças vem ao encontro dos resultados descritos por Rishbeth (2004b), relativamente às memórias de infância descritas por mulheres asiáticas imigrantes, no Reino Unido.

Já em adultos, as actividades de recreação e lazer passaram a ser distribuídas não só por actividades ao ar livre, mas também dentro de espaços interiores como o cinema, os centros comerciais, as discotecas ou os museus. Os participantes brasileiros e cabo-verdianos reforçaram a importância de actividades sociais no

seu quotidiano, como as festas, os encontros com amigos, família e a ida à igreja. De salientar ainda que, sobretudo no caso dos grupos brasileiros, foram notórias as diferenças a nível de actividades dos participantes pertencentes a diferentes grupos sociais.

Dentro das actividades desenvolvidas nos espaços exteriores destaca-se, como actividade mais comum e transversal a todos os grupos, os “passeios a pé”. Esta actividade é relatada como aplicável à cidade em geral, a visitas a espaços verdes como “parques” e “jardins” (brasileiros e ucranianos) e, menos frequentemente passeios em “áreas naturais” (brasileiros) e na “floresta” (ucranianos).

Como seria esperado, para as nacionalidades cujo país tem uma longa tradição na utilização de zonas costeiras, como é o caso dos cabo-verdianos e brasileiros, “a praia” mostrou ser um espaço exterior de grande importância. De salientar que, nas memórias de infância, a “praia” não fora mencionada pelos brasileiros, passando, contudo, a ocupar um lugar de destaque nas suas preferências enquanto adultos. Em contrapartida, alguns dos participantes brasileiros que viviam em zonas não-costeiras mencionaram as “cachoeiras” e “lagoas” como locais de lazer. Esta mesma relação de preferência por paisagens e espaços com características naturais e junto à água, já defendida por autores como Kaplan e Kaplan (1989) ou Nasar e Li (2004), foi também mencionada pelo grupo ucraniano, relatando as visitas que costumavam fazer a espaços naturais como as zonas ribeirinhas, onde se faziam churrascos/piqueniques e actividades mais passivas como descansar ou apanhar sol.

“Nos tempos livres, andamos no cinema, andamos nos concertos. Gastamos tempo todos os domingos na mata, no rio, no sol” (Mulher Ucraniana)

Contudo, foram também enumeradas actividades mais activas ao ar livre como “nadar” no “mar” ou “rio”, ou o “futebol” (no caso dos participantes masculinos), maioritariamente pelos participantes brasileiros e cabo-verdianos. A “pesca”, embora uma actividade desportiva mas com cariz mais passivo, foi referida por participantes brasileiros e ucranianos.

De um modo geral, a comunidade ucraniana apresentou-se como uma comunidade mais ligada à natureza, desenvolvendo actividades, como por exemplo, “apanhar cogumelos e bagas” nas florestas. Embora tratando-se de diferentes comunidades e diferentes contextos, e não podendo equacionar a componente étnica, estes resultados têm pontos de contacto com a investigação que Floyd *et al.* (1994) conduziram nos Estados Unidos da América e onde revelaram que a comunidade negra apresentava uma maior tendência para preferir actividades de carácter mais social (Igreja, associações, festas) e actividades desportivas, do que a comunidade branca

Como referido anteriormente, e no seguimento dos resultados atrás apresentados, alguns dos participantes brasileiros e cabo-verdianos revelaram alguma nostalgia no que se refere às actividades sociais como uma parte importante das suas vidas. Alguns brasileiros revelaram sentimentos de saudade ao referir os passados “churrascos” feitos ao fim de semana entre amigos e familiares. Esta actividade tinha lugar ao ar livre, nos quintais ou na laje/terraço das casas. Neste sentido, Low *et al* (2005), no seu estudo sobre a utilização do Propect Park por diferentes comunidades, revelaram a importância que churrascos e piqueniques representavam para a comunidade “hispanica”, face por exemplo, ao desinteresse da comunidade “branca”. No seu estudo, esta mesma comunidade “hispanica” era mais propensa a considerar a sua ida ao parque como uma actividade social, vendo-o como um lugar de encontro com a família e amigos, enquanto a comunidade “branca” via a sua ida ao parque como um momento do foro privado. Na mesma linha, Juniu (2000) referiu que a comunidade hispanica americana reconhece o valor das actividades de grupo e da “interacção humana”, considerando os momentos de lazer dedicados a actividades sociais como uma importante “actividade recreativa” (Juniu, 2000:368). Assim, no reconhecimento de que existem culturas onde o contacto social no espaço público tem um papel importante, insere-se o grupo cabo-verdiano que demonstrou igualmente um certo grau nostalgia na sua descrição da actual falta de convívio nos espaços ao ar livre, contrastando com as suas memórias de se juntarem com amigos e conhecidos na “praça” ou na rua.

Ainda relativamente ao uso dos espaços exteriores no país de origem, os participantes revelaram costumes e elementos do mesmo, dos quais agora sentem falta. As memórias e sentimentos de saudade são, de um modo ou de outro, relacionados com elementos da natureza ou do contacto com esta. Como seria de esperar, os grupos brasileiros e cabo-verdianos mencionaram a falta de calor e sol; e ainda, talvez surpreendentemente, a possibilidade de andar descalço na rua, de modo a manter o contacto com a terra. Neste seguimento, os cabo-verdianos revelaram ainda falta de paisagens mais inertes e secas, como as paisagens com “rochas”. Ainda para este grupo, a “falta do mar” foi uma constante referida em todas as entrevistas. Como esperado, depois das descrições das actividades de lazer em ambientes naturais, os ucranianos revelaram sentir mais falta de mais contacto com a natureza.

No entanto, alguns participantes alegaram a “falta de tempo” por razões familiares e de trabalho como um dos principais motivos para não utilizarem mais frequentemente os espaços exteriores no país de origem. No caso do grupo brasileiro, houve participantes que referiram, como razões para restringir as actividades ao ar livre, as fracas condições económicas, a ausência de espaços exteriores próximos de casa e a violência nos espaços públicos:

“Tinha fim de semana que a gente não saía porque a gente não tinha dinheiro para pagar um ônibus, um autocarro... para... porque perto também não tinha... era tudo longe!” (Mulher Brasileira)

Utilização dos espaços públicos em Portugal

Quando questionados sobre a utilização de espaços exteriores, a maioria dos participantes de todos os grupos começou por referir a “falta de tempo” e o trabalho contínuo como o principal motivo para o baixo uso dos espaços exteriores, ou mesmo actividades de lazer em geral.

“Pois nós já estamos há um ano ou dois para ver se arranjamos pessoal para fazer algumas actividades mas é sempre complicado arranjar tempo. O pessoal vai para o trabalho muito cedo e chega muito tarde” (Homem Cabo-verdiano)

“Aqui temos menos tempo para descansar” (Homem Ucraniano) “Posso dizer que nunca trabalhei na minha vida tanto como cá (...) trabalhei muito lá [Ucrânia], nunca parei. Mas tanto cá... nunca trabalhei!” (Mulher Ucraniana)

A maioria dos participantes referiu “ficar em casa”; “ver televisão”, “dormir” e “descansar”. Esta descrição de uma baixa taxa de participação em actividades de recreação e lazer entre os imigrantes, ainda mais baixa do que nos países de origem, surge na mesma direcção que os estudos apresentados por Juniu (2000). Segundo esta autora, os imigrantes experienciam barreiras recreativas, uma vez que as “responsabilidades e obrigações” do trabalho aumentam significativamente, deixando de existir tanto tempo para lazer (Juniu, 2000: 368).

Apesar do reconhecimento de que as comunidades não possuem muito tempo livre para a recreação e lazer, os participantes referiram alguns dos seus padrões de tempos livres. As respostas dadas dividiram-se entre actividades que decorrem tanto em espaços ao ar livre como dentro de espaços interiores/fechados. As visitas ao centro comercial, como o *Colombo* e *Vasco da Gama*, dominaram parte da discussão, sendo mencionadas por muitos dos participantes dos três grupos. Estes resultados não são surpreendentes e relaciona-se com a discussão relativa ao papel que os centros comerciais desempenham nos tempos livres dos cidadãos, e também como estes significam uma perda de espaço público, por se tratarem de espaços controlados (temperatura, vigilância, segurança privada, etc.). Segundo o trabalho de Cushman *et al.* (2004) e citado por Graça (2006: 7), os cidadãos europeus, em média, visitam um centro comercial 17 vezes ao ano, despendendo cerca de 1h30 em cada visita. No contexto português, 63,9% dos cidadãos visitam estes espaços, sendo que o valor aumenta para 87,9% quando os visitantes se inserem na faixa etária dos 18 aos 24 anos de idade (Marktest,

2004 citado em Graça, 2006: 7). Entre as actividades que excluíam a utilização de espaços exteriores, os participantes referiram as visitas a museus, concertos, festas, cinema e visitas a familiares e amigos.

Analizando a discussão centrada na utilização espaços exteriores, entre os espaços mencionados pelas três comunidades, destacam-se actividades comuns a todos os grupos como: “passear/andar a pé” nas ruas, junto à água, nos jardins e parques. Andar a pé é uma das principais actividades da vida quotidiana, que poderá ser feita com o intuito de ligações entre espaços ou, simplesmente, como uma actividade de lazer como “passear”. Estes resultados vêm ao encontro do que foi referido, no contexto da população portuguesa, na investigação de Serdoura (2006), centrada na vida pública no Parque das Nações. Segundo este autor, foram observados diversos tipos de deslocação pedonal, cujo ritmo e intuito variou de acordo com as horas e dias da semana. Durante o fim-de-semana, o tempo de lazer por excelência, o “andar” encontrou-se associado a um padrão de lazer, privilegiando também o “convívio entre as pessoas” (Serdoura, 2006: 308). Por outro lado, foi também descrito um grande número de actividades passivas e de relaxamento. Este tipo de actividades, descritas por Gehl (1987) como “actividades opcionais”, apenas acontecem caso exista uma predisposição por parte do indivíduo, e se o espaço físico o permitir. Em comum, os grupos mencionaram actividades como: “beber café na esplanada” ou “comer gelados” e “ler nos jardins”. Um pequeno número de participantes brasileiros revelou o prazer de poder ler nas esplanada e nos miradouros, como uma nova actividade nos espaços exteriores não existente no país de origem:

“[...] também descobri esse negócio de ler nos miradouros porque eu também achava muito estranho esse negócio de pedir um café e ficar não sei quantas horas ali sentada... Isso no Brasil não se faz, não é? Porque você está ocupando a mesa. Depois que eu descobri que aqui eu consegui fazer isso sem ter vergonha... que eu fico ali bem devagarinho. Leio o Público duas vezes bem devagarinho assim, nos miradouros. Meus deus!! Isso para mim assim... é... um tratamento (...) é uma terapia. Todas as sextas feiras, compro o público e vou ler o Y e sabe... [risos] Gosto! Gosto! (Mulher Brasileira)

Outras actividades passivas como “deitar na relva”; “dormir uma sesta no jardim” ou “relaxar nos jardins” foram descritas por brasileiros e ucranianos. Estes tipos de actividades aparentam ser comuns entre diferentes culturas, e como se pode verificar na literatura sobre espaços exteriores (Carr *et al.*, 1992; Francis, 2003; Whyte, 1980). Mais uma vez, poderá estar em causa a frequência com que estas actividades ocorrem, contudo, independentemente da cultura, a necessidade que muitos sujeitos têm de frequentar espaços ao ar livre para relaxar é defendida por alguns autores (Hartig, 2007; Herzog *et al.*, 2003), reforçando o poder restaurador dos espaços ao ar livre. A comunidade cabo-verdiana, por seu

lado, referiu a importância das ligações e deveres familiares, levando as crianças a passear, nomeadamente ao parque infantil. É interessante notar que estas actividades passivas poderão ser fruto, muitas vezes, de sentimentos de segurança. Com efeito, os elevados níveis de violência nos espaços públicos, no Brasil e na Ucrânia, foram inúmeras vezes referidos ao longo das entrevistas:

Mulher 1 - “Mas a gente ainda se sente muito seguro... olha... eu durmo às vezes em Belém... ponho a minha mala aqui debaixo da cabeça... e dou aqueles cochilos... que se fosse no Brasil eu já estava...” [risos]

Mulher 2 - “já estava sem cabeça!”

Mulher 3 - “levava a bolsa” [risos]

(Entrevista a um grupo brasileiro)

Contudo, este sentimento de segurança não é homogéneo para os três grupos. Pelo contrário, o grupo cabo-verdiano mostrou sentir-se menos seguro nos espaços públicos, contando exemplos de insegurança em bairros.

A questão dos “churrascos” ao ar livre, já descrita anteriormente, voltou a ser um ponto de discussão para brasileiros e ucranianos. Alguns participantes brasileiros lamentaram a falta de espaços para esta actividade, quer a nível das suas habitações (falta de quintal ou terraço), quer nos espaços públicos. Assim, foi bem referido o facto de na área da grande Lisboa não existirem muitos espaços que oferecem esta facilidade, sendo os espaços de Monsanto, Guincho e Parque Gomes Ferreira eleitos para esta actividade social.

“Sabe onde eu faço os meus churrascos? Lá no Monsanto! Olha, ali é a paz! Olha, os meus churrasquinhos... quando eu quero reunir amigos que não cabe em apartamentos, que não pode fazer churrasco, vai tudo para Monsanto. Chego lá de madrugada, ponho um balde de água em cima da mesa para reservar aquela mesa ali para mim. Cinco da manhã já estou lá!” (Mulher Brasileira)

Por seu lado, o piquenique pareceu ser uma actividade menos problemática, uma vez que não exige estruturas físicas especiais, tendo sido referido por todas as comunidades. As actividades que envolvem uma refeição ao ar livre mostram como o desenho dos espaços pode inibir ou incentivar esta actividade uma vez que esta pode ocorrer de forma espontânea (piquenique) ou implicar a existência de estruturas específicas como um café de apoio/ esplanada ou, como tão desejado por brasileiros e também por ucranianos, a presença de churrasqueiras. Em termos de padrões culturais, fazer refeições em espaços públicos parece ser comum a diversas comunidades. Contudo, o modo como ocorrem, em grandes

grupos e com carácter festivo (brasileiros e cabo-verdianos) ou situações mais recatadas e familiares (ucranianos) sugerem ser diferentes.

Tirando partido da situação geográfica de Lisboa e arredores, tal como esperado, uma outra actividade, comum a todas as comunidades, foi “ir à praia”. A praia oferece a possibilidade de realizar diversas actividades quer activas (nadar, jogos) quer passivas (apanhar sol, descansar). Segundo Cox *et al.* (2004) as zonas costeiras podem ter um impacto positivo a nível da saúde, tanto física como mental. Por seu lado, a saúde física pode ser promovida através de actividades físicas nas zonas costeiras, e tal como descrito anteriormente, o contacto com a natureza pode ser benéfico para diminuir os níveis de stress (Cox *et al.*, 2004: 757). Soares (2006: 184) sublinhou o carácter sazonal desta actividade, entre a população de Lisboa, dado que durante o Outono e Inverno se assiste a um aumento das actividades interiores como “ficar em casa”, “programas culturais” e “compras”.

Em termos de actividades desportivas foram também descritas actividades como “pescar” (mencionado pelo grupo ucraniano); “corrida” (*jogging*) por brasileiros e cabo-verdianos. Contudo, a frequência destas actividades revelou-se notoriamente baixa. Esta tendência é também apontada por Stodolska e Alexandris (2004) que revelaram que, para os imigrantes, a pré-disposição para fazer actividades desportivas nos tempos livres é baixa, sobretudo no período de adaptação (primeiro ano). Tal tendência poderá estar aliada à falta de tempo, a empregos exigentes a nível físico, e condições económicas pouco favoráveis. No caso da presente investigação, a maioria dos participantes já ultrapassara o período de adaptação e, como tal, os baixos índices de actividade física talvez estejam associados a empregos exigentes e à falta de tempo, que já foi discutida anteriormente.

Comparando os padrões de actividades ao ar livre, entre os hábitos no país de origem e Portugal, é possível verificar alguma continuidade. Embora se tratem de espaços físicos diferentes, os imigrantes continuam a fazer algumas das actividades anteriores ao período de imigração. Tal como defendido por Stodolska (2000: 53), para os imigrantes, uma continuidade nas actividades tradicionais permite-lhes manter um fio condutor com a vida anterior, dando uma sensação de conforto, segurança e familiaridade. No entanto, os imigrantes encontram-se também expostos a novos ambientes que lhes permitem realizar novas actividades. Segundo Stodolska (2000: 60), a participação dos imigrantes em novas actividades de lazer no país de acolhimento poderá ser suportada pelo desejo de acompanhar aquilo que está na “moda” na sociedade receptora. As comunidades brasileira e ucraniana foram aquelas que manifestaram um maior número de novas actividades ao ar livre, como por exemplo, ir à praia regularmente; um sentimento de segurança nos espaços, permitindo uma maior usufruição dos mesmos; poder ler nos miradouros e esplanadas. Todavia, a descrição de novas actividades não

foi relevante no grupo cabo-verdiano. Tal facto, talvez possa estar relacionado com o facto dos cabo-verdianos viverem em comunidades, tal como sugerido por uma das participantes: “Eu acho que um cabo-verdiano cá em Portugal se sente muito próximo da sua cultura. Queres ir dançar tens discoteca; queres falar tens pessoal que fala a tua língua; queres comer tens restaurantes; quer ouvir música ao vivo tens tendas. Estás muito próximo da sua cultura.”

Tal como referido precedentemente, as diferenças entre classes sociais dentro dos diferentes grupos traduziram-se novamente em diferenças a nível de padrões de utilização dos espaços. O exemplo da comunidade brasileira ilustra estas diferenças, como o exemplo de “ler nas esplanadas ou nos miradouros”, face aos churrascos em Monsanto. Este fenómeno de discrepância nos padrões de lazer vem no seguimento do que é referido por Juniu (2000), que defende que as diferenças a nível de recreação, entre os imigrantes, são influenciadas por diferenças entre classes sociais, conjuntamente com diferenças étnicas. Os resultados aqui presentes suportam as ideias já defendidas por outros trabalhos (Gobster, 2002; Loukaitou-Sideris, 1995; Low *et al.*, 2005) na importância de reconhecer diferentes padrões de uso dos espaços exteriores.

Preferências

Entre os espaços favoritos, comuns a todas as comunidades, destacam-se Belém (jardim e área envolvente), Jardins da Expo/Parque das Nações e as praias (Costa da Caparica, Praias da Linha e Guincho). Embora as praias façam parte dos lugares favoritos mais mencionadas pelos participantes, um elevado número de cabo-verdianos foi crítico em relação a estes espaços, mencionado a elevada qualidade das praias em Cabo Verde face a Portugal, bem como a baixa temperatura do mar na costa portuguesa. Ao contrário deste grupo, os ucranianos mostraram-se atraídos por este espaço, e sobretudo pelo contacto com o mar. Este grupo mencionou, ainda, espaços naturais como Monsanto ou o Guincho, como os seus espaços favoritos. Estes lugares, como a floresta urbana de Monsanto, podem, de algum modo, ser relacionados com as memórias e experiências do contacto com a natureza, referidas anteriormente por este grupo.

Ao longo das entrevistas, ao referir os diversos locais, os participantes foram descrevendo e adjectivando as características físicas de certos espaços. Belém foi descrito como um lugar “verde”, referindo ainda a beleza da arquitectura e monumentos envolventes, bem como a proximidade da água. Na descrição da Expo/Parque da Nações, foram enumeradas algumas das mesmas características presentes em Belém como: a proximidade ao plano de água do rio Tejo e a presença de elementos verdes. No entanto, estas duas características foram os únicos pontos comuns descritos pelos três grupos. As comunidades cabo-verdianas e

brasileiras, refiram ainda o aspecto social do espaço, como a presença de bares, para o encontro com os amigos. No mesmo sentido, no seu estudo sobre a utilização dos espaços verdes em Lisboa, Soares (2006) concluiu que, para a população de Lisboa, Belém e Parque das Nações também se evidenciam como os espaços favoritos. Para a autora, o sucesso de Belém e Parque das Nações está associado à proximidade com o plano de água - Rio Tejo.

No sentido de aprofundar quais os elementos mais valorizados nos espaços exteriores, foi pedido aos participantes que descrevessem as características do seu espaço ideal, que poderia ser real ou imaginário.

Os resultados presentes no Quadro 1 demonstram que em todos os grupos os espaços com elementos e características “verdes” (incluído árvores, flores) e a presença de água (quer sob a forma de mar, rio ou outra) foram os mais mencionados.

Quadro 1 – Elementos preferidos nos espaços exteriores

Brasileiros	Ucranianos	Cabo-verdianos
Verde (11)	Mar (10)	Mar (12)
Presença de água (6)	Espaços grandes e abertos (3)	Verde (5)
Natureza (3)	Árvores (3)	Luz/sol (3)
Bar (3)	Ar puro (2)	Música (3)
Praia (3)	Bom tempo (2)	Espaços grandes e abertos (3)
Luz/sol (3)	Presença de água (2)	Pessoas (3)
Coqueiros (2)	Rios (2)	Praia (2)
Comida (2)	Céu azul (2)	Calor/quente (2)
Musica (2)	Campo (2)	Presença de água (2)
Espaços grandes e abertos (1)	Florestas (2)	Rocha (2)
Céu azul (1)	Flores (1)	Montanhas (1)
Eventos culturais (1)	Verde (1)	Rio (1)
Densidade de árvores (1)	Luz/sol (1)	Flores (1)
Flores (1)	Horizonte/por do sol (1)	Árvores (1)
Lagoa (1)		
Movimento (1)		
Sombra (1)		
Tranquilidade (1)		
Cachoeira (1)		

(Número entre parênteses refere o número de vezes que a palavra/conceito foi mencionado)

É interessante notar, o facto de para o grupo ucraniano, o “mar” ter surgido em primeiro lugar. Por seu lado, o grupo brasileiro mostrou uma maior preferência pelos elementos verdes, do que pela água, embora esta tenha sido descrita de diversas formas. Como seria de esperar, o mar ocupou a primeira posição para o grupo cabo-verdiano, reforçando assim a ideia de ligação a este elemento. Estes resultados podem ser enquadrados nas teorias já existentes na literatura, sobre a importância de elementos verdes e a presença de água. As árvores e outros elementos “verdes” são apreciados por muitos sujeitos, pelo seu valor quer a

nível estético, quer a nível psicológico (Kaplan e Kaplan, 1989). Por seu lado, Kuo *et al.* (1998) suportam a ideia de que a presença de mais elementos verdes leva a um maior uso dos espaços urbanos exteriores. Esta preferência por elementos verdes e água, parece ser comum a diversas culturas, não só nesta investigação, mas também noutros contextos. Por exemplo, Fu (2008) analisou, no contexto chinês, a utilização dos jardins comunitários em zonas de construção em arranha-céu, reforçando a ideia da importância da presença de elementos naturais verdes e de água nos espaços exteriores para convidar visitantes.

Contudo, estes elementos singulares como “verde”, “árvores”, “flores”, “mar” e “água” podem agrupar-se numa só categoria, também esta referida pelos participantes: “natureza”. Uma maior preferência pelo contacto com a natureza encontra-se fortemente descrita em outras investigações. Rodiek e Fried (2005) demonstram, através da análise sobre a preferência de certos elementos dos espaços, que a maioria dos participantes preferia espaços com vistas para locais naturais, seguindo-se a preferência por elementos “verdes”. No entanto, é possível encontrar exemplos de variações culturais a nível das preferências de paisagens e natureza. Zube e Pitt (1981), encontraram variações culturais a nível de preferências visuais. No seu estudo, o grupo jugoslavo revelou uma maior preferência por paisagens naturais, sem intervenções humanas mas, pelo contrário, o grupo de participantes “negros” mostrou uma maior tendência para preferir paisagens onde existissem estruturas feitas pelo Homem. A mesma variação entre grupos foi encontrada por Newell (1997), onde os irlandeses revelaram uma maior preferência por paisagens pastorais; os americanos por seu lado preferiram paisagens com casas envolvidas por natureza; por último, paisagens com praia/mar e elementos construídos, foi eleita pelo grupo senegalês. No caso da presente investigação, as diferenças são ténues, não se podendo afirmar que existem diferenças significativas. As maiores diferenças residem no facto dos participantes ucranianos terem mencionado apenas elementos que estão associados de um modo directo à natureza. Por seu lado, sobretudo o grupo brasileiro, mas também o grupo cabo-verdiano referem elementos ligados a actividades sociais como: “música”, “comida”, “pessoas”, “movimento”, implicando espaços com uma maior vivência social, reforçando novamente a tendência para a valorização dos espaços para desenvolver actividades sociais.

Percepções

Retomando, a quase impossibilidade de se fazerem churrascos nos espaços públicos de Lisboa, foi possível encontrar um conflito entre a percepção de utilização dos espaços, por alguns membros dos grupos brasileiros e as normas existentes:

“Dentro de casa não pode, porque não tem espaço, assim de quintal... Aí eu falei: sabe uma coisa? Eu vou botar isso, de negócio, na porta da rua. Botei o carvão lá. Encostei a grelha. Daí a pouco a fumacinha começou... aquele cheiro...os vizinhos saíram lá do prédio... todo o mundo! E Jesus! Tem misericórdia... [risos]. É assim uma coisa!” (Mulher Brasileira)

Este sentimento de conflitualidade associada à possibilidade de fazer um churrasco nos espaços públicos, quebrando muitas vezes as regras existentes, é mencionada também por Low et al. (2005) que referiram o facto dos imigrantes latinos quebrarem as regras dos parques americanos ao tentarem fazer os churrascos. Por grande parte dos participantes da comunidade cabo-verdiana e brasileira, foi referido um sentimento de pouco “à-vontade” nos espaços, sobretudo face aos modos de estar, níveis de ruído e expressão de sentimentos.

Mulher 1 – “principalmente na praia é o espaço que deveria abrir mais bares, mas a gente fala cabanas, mas cabanas, mais liberdade de estar ali naquele espaço mesmo. Entrar no mar para jogar uma bola para estar mesmo à vontade de...”

Mulher 2- “mas os biquínis da gente é que são menorzinhos” [Risos]

Mulher 1 – “se coloca um menorzinho, eles já olham assim... aquele olhar

Mulher 3- “mas já quando elas[as portuguesas] fazem topless, que é normal, a gente toma um susto. Mas a gente com um biquininho um pouquinho menor...”

Mulher 2- “E quando a gente faz um bocadinho de barulho...”

Mulher 1- “Não pode fazer barulho!”

Mulher 3- “As pessoas já...”

Mulher 1- “Não pode ter o som alto do carro. É complicado o uso dos espaços”

Homem 3- “No Brasil esse negócio de discotecas já nem está com pernas. É difícil, né? Discotecas não está ganhando muito dinheiro agora. Cada qual, cada pessoa que tem um carro bom, ela monta um som no carro que é mais alto que na discoteca mesmo. Aí chega, tipo na praça. Ali, abre as portas do carro e vem de gente e começa a beber ali e pronto e já tem uma festa. E às vezes é melhor que ir para uma discoteca.”

(Entrevista a um grupo brasileiro)

Mulher 1 – “Nós gostamos do barulho!”

Homem 1 – “Gostamos de nos mexer!”

Mulher 2 – “Nós gostamos de nos expressar, de expressar aquilo q estamos a sentir. Mas eles [os portugueses], não! Eles mantêm tudo para eles e quando nos vêm a expressar a nossa liberdade... parece que... eu nem sei!

(Entrevista a um grupo cabo-verdiano)

Estes excertos revelam alguns dos sentimentos destas comunidades, que muitas vezes entram, de algum modo, em conflito com o modo de vivência dos espaços, sobre aquilo que é aceitável ou não, segundo as normas da sociedade de acolhimento. Comparativamente, a comunidade ucraniana, não mencionou nenhum conflito. De um certo modo, poderá ser descrito um certo padrão entre a importância do carácter social que os espaços reapresentam para a comunidade brasileira e cabo-verdiana, e o modo de entendimento da utilização dos mesmos.

O reconhecimento de que existem estes tipos de confrontos entre normas culturais é também defendido por Ward Tompson (2002: 60): “[...] diferentes grupos sociais e culturais têm diferentes percepções” do tipo de comportamento que é aceitável nos espaços, levando muitas vezes a conflitos. Segundo esta autora, estes problemas podem ser resolvidos através de um processo de planeamento participado e onde as diferentes necessidades são tidas em conta.

Através das descrições de alguns locais de Lisboa é possível ilustrar as percepções dos participantes sobre os espaços. Belém, por exemplo, foi descrito por alguns participantes brasileiros como “aconchegante”, “bonito”, bem como para “famílias”. Por seu lado, a comunidade brasileira e ucraniana indicaram os passeios ribeirinhos e zonas costeiras como locais “calmos” e “relaxantes”, com propriedades restauradoras. Alguns participantes brasileiros viram nestes mesmos espaços o “movimento” e a mistura de utilizadores como uma mais-valia. Esta percepção de “movimento” foi antes associada por alguns participantes cabo-verdianos à zona da Baixa.

A percepção da segurança é um factor que contribui fortemente para favorecer ou inibir a utilização dos espaços (Kuo *et al.*, 1998), traduzindo-se no modo como os sujeitos sentem os espaços apresentam baixas ou elevadas taxas de criminalidade. Tal como descrito anteriormente, de um modo geral, os espaços exteriores de Lisboa são percebidos de um modo seguro, embora a comunidade cabo-verdiana tenha apresentado algumas reservas sobre o seu à-vontade nos espaços exteriores públicos.

Considerações finais

Uma análise das informações recolhidas nos *focus groups* demonstra como as comunidades apresentam semelhanças e diferenças entre si, face à utilização dos espaços exteriores. Todos os grupos valorizam, à semelhança do que é descrito na literatura, a presença de elementos “verdes” e “água” nos espaços exteriores. Para a comunidade cabo-verdiana, a presença do mar/praias é um dos elementos mais valorizados, sendo que a ausência do mesmo gera sentimentos de nostalgia. A comunidade ucraniana, e de algum modo a brasileira, valorizam o contacto com a natureza, tal como descrito nas suas memórias. Em termos de actividades, os grupos revelaram algum grau de continuidade entre as actividades que desenvolviam no país de origem e as que realizaram no país de acolhimento. Por seu lado, os participantes brasileiros e ucranianos referiram ainda a participação em novos tipos de actividades. Contudo, todos os grupos revelaram a “falta de tempo” para utilizarem os espaços exteriores, devido às obrigações do trabalho. A componente social dos espaços foi amplamente discutida e valorizada pelas comunidades brasileira e cabo-verdiana, chegando a ser mesmo mencionado o motivo para sentimentos intimidatórios na utilização dos espaços. Foi também possível identificar aquilo que é valorizado e que é essencial nos espaços públicos exteriores de Lisboa, como locais para mais actividades sociais como por exemplo, o churrasco.

Através desta análise foi possível entender algumas das necessidades de diferentes grupos culturais, permitindo assim, recolher elementos que podem de algum modo informar a concepção e desenho de espaços exteriores. Tendo em conta estes dados, poderia deduzir-se a necessidade de desenhar espaços que incluam primordialmente as preferências de cada um dos grupos isoladamente. Tal opção tem, no entanto, o risco de, em vez de gerar um espaço inclusivo, acabar por criar “guetos”, uma vez que esses espaços terão sobretudo significado apenas para uma certa comunidade, afastando de algum modo os restantes utilizadores. Como tal, é crucial que se pensem os espaços exteriores de um modo inclusivo e “multicultural”, criando lugares que englobem e reconheçam diversas percepções, preferências e necessidades de um vasto leque de utilizadores, para que estes se revejam nos lugares e se sintam ligados aos mesmos. Assim, e ponderando especificamente esta investigação, a inclusão de componentes-chave nos espaços exteriores, como por exemplo, os “elementos verdes” e a “água” – elementos que, como foi descrito, constituem preferências transversais às comunidades estudadas - poderá ajudar a alargar o espectro de utilizadores dos espaços. Assim, no contexto específico de Lisboa, poder-se-ia realçar a ligação privilegiada ao Rio Tejo e à sua foz, procurando um maior aproveitamento da Beira Tejo. Por outro lado, a investigação aponta para a necessidade se considerar como especificamente relevante a concepção de espaços amplos e flexíveis que promovam diversos tipos de actividade passivas ou activas, a socialização, ou

simplesmente o usufruto individual mais recatado. Tomando como base alguns dos resultados apresentados, a inclusão pontual de alguns elementos físicos de suporte a actividades, como por exemplo as esplanadas, ou mesmo a inclusão de churrasqueiras poderão promover uma maior utilização dos espaços e o sentimento de pertença pelas diversas comunidades. Outras questões, como acesso em transportes públicos, a segurança e a manutenção dos espaços são também aspectos complementares, mas não menos relevantes, à sua utilização mais alargada e mais inclusiva.

Por fim, é importante sublinhar a necessidade de futuramente se elaborarem mais estudos no que toca a questões culturais de utilização de espaços exteriores de modo a afirmar a diversidade nos espaços onde a identidade e os interesses das minorias se podem associar ao desenho. Realce-se a necessidade de se trabalhar a par com outras disciplinas, alargando o leque de conhecimento e garantindo uma visão interdisciplinar, onde o desenho e planeamento dos espaços se possam aliar a outras áreas de conhecimento.

Será ainda relevante salientar a importância do envolvimento das diferentes comunidades no processo consultivo de concepção dos espaços, reconhecendo as diferenças sociais e culturais e ampliando o debate sobre as necessidades dos vários utilizadores. Como proceder a este envolvimento, será uma futura possível linha de investigação.

Notas

¹ A presente investigação faz parte do trabalho de doutoramento, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Esta investigação não teria sido possível sem o apoio de diversas Associações de Imigrantes como: Casa do Brasil; JRS; Associação Caboverdeana; Associação de Melhoramentos e Recreativa do Taludes; Associação de Ucrânianos de Portugal; Dra. Maria Didych. Os meus agradecimentos a todos os responsáveis por estas entidades, bem como a todos os participantes e os demais que me ajudaram na preparação e desenvolvimento da investigação.

² Tradução da autora para o conceito "focus groups"

Referências Bibliográficas

- Aizlewood, A., Bevelander, P. e Pendakur, R. (2005), "Recreational Participation among Ethnic Minorities and Immigrants in Canada and the Netherlands", *Working Paper Series* N.º 05-22 - Research on Immigration and Integration in the Metropolis [disponível em <http://mbc.metropolis.net/Virtual%20Library/2005/WP05-22.pdf>]
- Barnett, L. A. (2006), "Accounting for Leisure Preferences from Within: The Relative Contributions of Gender, Race or Ethnicity, Personality, Affective Style, and Motivational Orientation", *Journal of Leisure Research*, vol. 38, n.º4, pp. 445-474.
- Canter, D. (1977), *The Psychology of Place*, Londres: Architectural Press.
- Carr, S., Francis, M., Rivlin, L. G., e Stone, A. M. (1992), *Public Space*, Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge.
- Cox, M., Johnstone, R. e Robinson, J. (2004), "Effects of Coastal Recreation on Social Aspects of Human Well-being". Comunicação apresentada na conferência Coastal Zone Asia Pacific Conference 2004: *Improving the Quality of Life in Coastal Areas Brisbane*, Australia
- Dömek, C., Güleğ, O., Piniek, S. e Prey, G. (2006), *Urban nature – Perception, Evaluation and Adoption by Turkish migrants in the northern Ruhr Area under special Consideration of Urban-Industrial Woodlands*, Ruhr University Bochum, Ministry of the Environment and Conservation, Agriculture and Consumer Protection of the State e Dortmund University [disponível em http://www.geographie.ruhr-uni-bochum.de/ag/wsg/projekte/short_report_stadtnatur_rub.pdf]
- Finney, N., e Rishbeth, C. (2006), "Engaging with Marginalised Groups in Public Open Space Research: The Potential of Collaboration and Combined Methods", *Planning Theory and Practice*, vol.7, n.º1, pp. 27-46.
- Floyd, M. F., Shinew, K. J., McGuire, F. A. e Noe, F. P. (1994), "Race, Class, and Leisure Activity Preferences: Marginality and Ethnicity Revisited", *Journal of Leisure Research*, vol.26, n.º2, pp.158-173.
- Fonseca, L., Malheiros, J. M., e Silva, S. (2005), "Portugal", in Niessen, J., Schibel, Y. e Thompson, C. (Orgs.), *Current Immigration Debates in Europe: A Publication of the European Migration Dialogue*, Bruxelas: Migration Policy Group.
- Fonseca, M. L. (2003), "Integração dos imigrantes: estratégias e protagonistas", in *Actas do I Congresso Imigração em Portugal – Diversidade, Cidadania e Integração*, Lisboa: ACIME.
- Francis, M. (2003), *Urban Open Space: Designing for user needs*, vol. 3, Washington: Island Press.
- Fu, X.-Y. (2008), *A Study of the Outdoor Environmental Design of High-rise Residential Area (HRFRAs), China: Application and investigation of the Environmental-behaviour theories and research methods for Landscape Design*. Edimburgo: Unpublished PhD, Heriot Watt University.

- Gehl, J. (1987), *Life between Buildings: Using Public Space*. Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold Company Limited.
- Gobster: H. (2002), "Managing Urban Parks for a Racially and Ethnically Diverse Clientele", *Leisure Sciences*, vol. 24, n.º3-4, pp.143-159.
- Graça, M. S. (2006), *Espaços Públicos e Uso Coletivo de Espaços Privados*. [disponível em <http://www.e-cultura.pt/Anexos/%C2%ABEspa%C3%A7osPublicosPrivados%C2%BB%20.pdf>]
- Hartig, T. (2007), "Three steps to understanding restorative environment as health resources", in Catharine, W. T. e Travlou, P. (Orgs.), *Open Space People Space*, Oxon: Francis and Taylor, pp. 163-179
- Herzog, T. R., Colleen, M. e Nebel, M. B. (2003), "Assessing the restorative components of environments", *Journal of Environmental Psychology*, vol. 23, n.º2, pp.159-170.
- Juniu, S. (2000), "The Impact of Immigration: Leisure Experience in the Lives of South American Immigrants", *Journal of Leisure Research*, vol. 32, n.º3, pp. 358-381.
- Kaplan, R. e Kaplan, S. (1989), *The Experience of Nature - A Psychological Perspective*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Koivukangas, O. (2003), "European Immigration and Integration: Finland". *Comunicação apresentada na Conferência The Challenges of Immigration and Integration in the European Union and Australia*.
- Kuo, F. E., Bacaicoa, M. e Sullivan, W. C. (1998), "Transforming Inner-City Landscapes: Trees, Sense of Safety, and Preference", *Environment and Behavior*, vol. 30, n.º1, pp. 28 - 59.
- Lanfer, A. G. e Taylor, M. (2004), *Immigrant Engagement in Public Open Space: Strategies for the New Boston*, Boston: Barr Foundation.
- Loukaitou-Sideris, A. (1995), "Urban Form and Social Context: Cultural Differentiation in the Uses of Urban Parks", *Journal of Planning Education and Research*, n.º 14, pp. 89-102.
- Low, S. M., Taplin, D. e Scheld, S. (2005), *Rethinking Urban Parks: Public Space and Cultural Diversity*, Austin: University of Texas Press.
- Malheiros, J. (2002a), "Ethni-cities: Residential Patterns in the Northern European and Mediterranean Metropolises. Implications for Policy Design", *International Journal of Population Geography*, n.º 8, pp.107-134.
- Malheiros, J. (2002b), *Portugal Seeks Balance of Emigration, Immigration*. [disponível em <http://www.migrationinformation.org/Profiles/display.cfm?ID=77>]
- Malheiros, J. e Vala, F. (2004), "Immigration and city change: the Lisbon metropolis at the turn of the twentieth century", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol.30, n.º6, pp.1065 - 1086.
- Marques, J. C. e Góis, P. (2007), *Ukrainian migration to Portugal. From non-existence to the top three immigrant groups*, Multicultural Center Prague [disponível em http://aa.ecn.cz/img_upload/3bfc4ddc48d13ae0415c78ceae108bf5/JCMarquesPGois_UkrainiansinPortugal.pdf]

- Munday, J. (2006), "Identity in Focus: The Use of Focus Groups to Study the Construction of Collective Identity", *Sociology*, vol. 40, n.º1, pp.89-105.
- Nasar, J. L. e Li, M. (2004), "Landscape mirror: the attractiveness of reflecting water" *Landscape and Urban Planning*, vol.66, n.º4, pp.233-238.
- Newell, P.B. (1997), "A Cross-Cultural examination of favourite places", *Environment and Behavior*, vol.29, n.º4, pp. 495-514.
- Rishbeth, C. (2001), "Ethnic Minority Groups and the Design of Public Open Space: an inclusive landscape?", *Landscape Research*, vol.26,n.º4, pp. 351-366.
- Rishbeth, C. (2004a), "Ethno-cultural Representation in the Urban Landscape", *Journal of Urban Design*, vol.9, n.º3, pp.311-333.
- Rishbeth, C. (2004b). "Re-placed People, Re-visioned Landscapes: Asian Women Migrants and their Experience of Open Space". *Comunicação apresentada na Conferência Internacional Open Space People Space - International Conference*.
- Rodiek, S. D. e Fried, J. (2005), "Access to the outdoors: using photographic comparison to assess preferences of assisted living residents", *Landscape and Urban Planning Theory e Practice*, vol.73, n.º2-3, pp.184-199.
- Sasidharan, V., Willits, F., e Godbey, G. (2005), "Cultural differences in urban recreation patterns: An examination of park usage and activity participation across six population subgroups", *Managing Leisure*, vol.10, n.º1, pp.19-38.
- Seeland, K. e Ballesteros, N. (2004), *Green cityscapes and social inclusion. Examples from Switzerland*. Comunicação apresentada na conferência De la connaissance des paysages à l'action paysagère, Bordeaux.
- Serdoura, F. M. C. (2006), *Espaço Público, Vida Pública - o caso do Parque das Nações*. Tese de Doutoramento, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa (documento policopiado).
- Soares, A. L. (2006), *O Valor das Árvores: árvores e floresta urbana em Lisboa*, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- Stodolska, M. (2000), "Looking Beyond the Invisible: Can Research on Leisure of Ethnic and Racial Minorities Contribute to Leisure Theory?", *Journal of Leisure Research*, vol.32, n.º1, pp.156-160.
- Stodolska, M. e Alexandris, K. (2004), "The role of recreational sport in the adaptation of first generation immigrants in the United States", *Journal of Leisure Research*, vol.36, n.º3, pp. 379-413.
- Stodolska, M., Marcinkowski, M., e Yi-Kook, J. (2007), "The Role of Ethnic Enclosure in Leisure in the Economic Achievement of Korean Immigrants". *Journal of Leisure Research*, vol.39, n.º1, pp.1-27.
- Walker, G. J., Deng, J., e Dieser, R. B. (2001), "Ethnicity, Acculturation, Self-Constructual, and Motivations for Outdoor Recreation", *Leisure Sciences*, vol. 23, n.º4, pp. 263-283.
- Ward Thompson, C. (2002), "Urban open space in the 21st century", *Landscape and Urban Planning*, vol.60, pp. 59-72.
- Whyte, W. H. (1980), *The Social Life of Small Urban Spaces*, Washington: Conservation Foundation.
- Zube, E. H. e Pitt, D. G. (1981), "Cross-Cultural Perceptions of Scenic and Heritage Landscapes". *Landscape Planning*, vol. 8, n.º1, pp. 69-87.